

POESIAS FRANCISCANAS

CARLOS SÁ

CÂNTICO DAS CHAGAS

*Louvido sejas, meu Senhor, sempre louvado
Pelas chagas que abriste em meu corpo magoado.*

*Esta chaga do pé resgata, fervorosa,
Da turba as maldições na Via Dolorosa.*

*Esta do Cirineu recorda a caridade
E te ajuda a sofrer dos homens a maldade.*

*A ferida da mão pelo cravo rasgada
No rosto enxuga o escarro e abranda a bofetada.*

*Verônica revive o seu gesto piedoso
Na chaga da outra mão, que assim se muda em gôzo.*

*Finalmente no peito êste golpe de lança
Os pecados redime e renova a esperança.*

*E tudo quanto sofra eu bendigo, Senhor,
Por ter, cantando, em minha carne o Teu louvor.*

*Louvido sejas pelas chagas da Paixão,
Que me abriste nas mãos, nos pés, no coração.*

NO ALTO DO MONTE ALVERNE

*No alto do Monte Alverne, em plena solidão,
Irmão Francisco espera a sagrada visita.
E mais depressa agora o coração palpita,
Pressentindo, na sombra, a celeste visão.*

*Desce dos céus à terra uma paz infinita.
Silencia, na faia, o grito do falcão.
Abrasa-se a montanha em fúlgido clarão.
E o serafim, na luz, as seis asas agita.*

*É Cristo o serafim: Jesus crucificado
Do Irmão Francisco exalça o apêlo reiterado
E imprime-lhe no corpo as suas cinco chagas.*

*E outra vez redimindo os homens, pelo amor,
No alto do Monte Alverne — uma cruz entre as fragas,
Irmão Francisco é a viva imagem do Senhor.*

A MORTE DE SÃO FRANCISCO

*Fins de setembro. O dia aos poucos entardece.
Crepúsculo outonal nas coisas e na vida.
Pelas ruas de Assis a romaria desce,
Carregando ainda viva a imagem tão querida.*

*Passada a velha porta, em meio da descida,
Pára o cortejo. Ao longe o Subásio aparece,
Num olhar percorrendo a paisagem vivida,
Abençoa a cidade e murmura uma prece.*

*A Porciúncula chega, ao fim do árduo caminho,
E dos Irmãos cercado espera o Pobrezinho
Que se cumpra, no sítio amado, a sua sorte.*

*Outubro. Em voz vibrante o salmo antigo entoa,
E recebendo, enfim, dos justos a coroa,
Recebe o Irmão Francisco a doce Irmã, a Morte.*